



Onésimo Teotónio Almeida

## Romeiros – renovando uma tradição secular (Parte 2)

Uma curiosidade final: o autor, alentejano, já na primeira parte do livro apontara semelhanças entre a cultura micalense e a alentejana (noutra passagem o autor já havia aludido às afinidades entre a toada do canto dos romeiros e a dos cantares alentejanos) e termina assim o livro narrando o seu regresso a casa, em Lisboa:

*Quando ao final da tarde, eu metia a chave à porta do prédio onde habito, saiu o meu vizinho Diamantino.*

*- Então vizinho, vem de alguma viagem ao Alentejo?*

*- Alentejo? Porque diz isso? – perguntei, já a adivinhar a resposta.*

*- Então, de lenço alentejano atado ao pescoço e pau de varejar azeitona na mão, fácil é concluir que só pode vir do Alentejo.*

Registo estas observações apenas como leitor desse interessante relato de um romeiro de fora da ilha que se integrou num rancho como se da ilha fosse. O simples facto da possível ligação entre o Alentejo e S. Miguel não é suficiente para explicar o fenómeno, que suponho exclusivamente micalense. Sempre houve manifestações vulcânicas e abalos de terra em quase todas as ilhas dos Açores e, no entanto, apenas em S. Miguel o fenómeno ocorre. A mim, que há cinquenta anos vivo num bairro de Providence marcadamente judeu, sinto-me levado a associá-lo com a celebração anual do *Atonement* - a data judia da expiação, reparação e de reconciliação entre a humanidade pecadora e Deus - se bem que proporcionalmente bem longe na sua manifestação pública. Ela é, aliás, uma versão da desobriga, a confissão geral praticada na Quaresma. Na história das religiões, essa expiação/renovação está associada à ideia de sacrifício e manifesta-se num ritual de limpeza e de busca de pureza moral, ou pelo menos de tentativa de repurificação moral. Por outro lado, ocorre-me um outra associação: quem alguma vez teve uma experiência Zen reconhecerá que a repetida cantilena da Avé-Maria dos romeiros acaba produzindo uma intensa ligação entre os elementos do grupo, numa espécie de cadeia absorvente e criadora de uma sensação de unidade, que os romeiros micalenses referem como “fraternidade”, termo por sinal consignado no título deste álbum hoje a ser aqui lançado.

Mas voltando ao tema do *atonement*, essa quase universal necessidade de expiação e reconciliação parece-me poder explicar em parte (e sublinho: em parte) a sobrevivência das romarias pois, como atrás disse, não ouço nunca os atuais romeiros evocarem a importância de se aplacar a ira de Deus castigador com vulcões e terramotos como razão para o seu envolvimento na peregrinação. Quer dizer: suponho que as circunstâncias telúricas açorianas terão levado ao estabelecimento da tradição, todavia ela aos poucos ter-se-á transformado num ritual de expiação e renovação espiritual. Pelo menos é isso que depreendo dos relatos dos romeiros que leio, ou com quem converso. A vulcanologia e os abalos de terra contextualizaram e terão dado forma ao fenómeno micalense,

no entanto ele insere-se numa longa, antiquíssima e universal tradição de expiação, purificação e religação com o divino. A necessidade da limpeza profunda que justificava a antiga confissão anual seria uma dessas manifestações. A vontade humana de viver mais e melhor, renovando-se e ressurgindo da queda parecem-me a mim a mais natural explicação desta tradição. Para poder afirmá-lo com mais segurança, seria importante entrevistar os romeiros atuais e perguntar-lhes por que razão se incorporam com tão abnegada convicção nesse exigente ato anual. Quase aposto que nenhum invocaria a razão histórica de terramotos e vulcões. Mas, que eu saiba, esse estudo ainda está por fazer.

Faço questão de acrescentar que sou o primeiro a reconhecer tratar-se apenas de um aspeto do complexo fenómeno das romarias micalenses. Outros devem existir e escapam-me, como creio que escapam aos autores de tudo aquilo que sobre o fenómeno leio na tentativa de compreender algo que eu próprio nunca experienciei. Como disse, terramotos e vulcões sempre existiram ao longo da história dos Açores e só em S. Miguel as romarias surgiram. Os mais trágicos terramotos a afetar zonas urbanas ocorreram em 1522 em Vila Franca do Campo e em Angra, em 1980, mas há outros como o da Praia da Vitória em 1841 e no entanto nenhuma romaria surgiu na ilha Terceira. Vulcões não faltaram na história dos Açores, sendo o mais recente o dos Capelinhos. Em todas elas houve forte movimentação religiosa a implorar a misericórdia divina, todavia só em S. Miguel esse fenómeno se firmou em sólida tradição. Com isto quero apenas significar que admito a minha incapacidade de explicar a persistência através de tantos séculos desta manifestação singular. A alguém que nestes dias argumentou com o facto de agora terem começado a surgir romarias também noutras ilhas, respondi que a explicação para isso me parece mais com a humana necessidade da tal experiência de catarse, expiação e renovação. De qualquer modo, não acredito que venha a atingir nada que se pareça com a dimensão e a intensidade do fenómeno micalense.

No entanto, a minha vinda aqui teve a ver sobretudo com a apresentação e o elogio do - a todos os títulos - magnífico trabalho fotográfico de Jorge Barros e do seu filho Pedro, que gravaram imagens a partir de agora indelévels de momentos dessas romarias quaresmais. Cada página é um mergulho nas profundezas de um mistério apenas refletido nos rostos dos peregrinos, apontando para algo inacessível e insondável para quem apenas contempla de fora. Não é preciso ser-se religioso para se admirar a beleza e a densidade humana destas impressionantes e poderosas imagens do fotógrafo (e seu filho), mestre na arte de agarrar o real em imagens. Elas falam por si. E eloquentemente. Como tal, sem dúvida dispensariam qualquer palavreado. Especialmente o meu, pois a experiência dos artistas foi vivida na pele acompanhando-os bem de perto a fotografá-los. E eu nem isso.

## Primeiro filme de Luís Filipe Borges recebe antestreia na ilha do Pico

A ideia vencedora do “Prémio Curta Pico” chega ao grande ecrã no Montanha Pico Festival. O filme “First Date”, de Luís Filipe Borges, produzido pela Advogado do Diabo em parceria com a MiratecArts, foi apoiado pelos três municípios da ilha e apresenta cenas filmadas nas Lajes do Pico, São Roque do Pico e Madalena.

“É um orgulho - e um nervosismo - enorme poder levar esta espécie de presente atrasado de Natal às audiências da Ilha Montanha,” expressa o realizador Luís Filipe Borges. “É como um *test-screening* real, com a equipa presente, uma maneira de ver como as pessoas reagem a esta declaração de

amor ao Pico, antes de concluirmos a edição final da curta-metragem.”

Ao realizador, juntam-se os atores Ana Lopes e Cristóvão Campos, protagonistas de “First Date”, assim como a equipa de produção. “Mal podemos esperar e contamos com os extraordinários parceiros dos 3 municípios - e almas do sector privado - que foram absolutamente essenciais para levar esta aventura a bom porto,” admite Luís Filipe Borges.

O primeiro filme escrito e realizado por Luís Filipe Borges, rodado totalmente na Ilha Montanha, vai ser exibido no sábado, 4 de Janeiro, no Encontro Audiovisual Açoriano, a



acontecer durante o Montanha Pico Festival. A sessão gala, que inclui os “PAA! Awards - Prémios Audiovisuais Açorianos”, inicia com momento de

passadeira vermelha, a partir das 16h, na Biblioteca Auditório da Madalena, aberto ao público em geral e com entrada livre.